

3

Contribuições e impasses de algumas leituras pós-freudianas do afeto

Ao apreciarmos os trabalhos psicanalíticos pós-freudianos relativos ao afeto, encontramos variados autores e obras que se referem indiretamente ao afeto ou se referem a afetos específicos. Poucos são os que se dedicam ao estudo do afeto em sua problemática geral. Green representa um desses autores, apresentando, no *Discurso Vivo* (1973), uma visão de conjunto exaustiva dos trabalhos psicanalíticos pós-freudianos consagrados ao afeto, ao mesmo tempo em que lança a sua teoria geral sobre o conceito. Afirma este autor que, já nos psicanalistas da primeira geração, é possível constatar o caráter solitário da reflexão de Freud sobre o afeto. Vieira (1996), em *L'Ethique de la Passion*, atenta para o fato de que entre o artigo de Ernest Jones, publicado enquanto Freud ainda era vivo, talvez considerado como o primeiro de relevância sobre a questão escrito por um de seus alunos, e os dias de hoje, contamos apenas dezessete textos consideráveis consagrados exclusivamente ao tema¹.

Green, em sua exposição, adota a divisão entre os autores anglo-saxões – distinguindo os autores da escola inglesa e os da escola norte-americana – e os autores de língua francesa. A influência Kleiniana é a referência da escola inglesa, enquanto a influência hartmanniana é característica dos trabalhos da escola norte-americana. Gostaríamos de ressaltar desde já que Melanie Klein não apresenta em sua obra nenhuma concepção específica sobre o afeto, e Heinz Hartmann pouco escreveu sobre o tema. Quanto aos autores de língua francesa, o autor, apesar de salientar que muitos dedicam em seus trabalhos um lugar importante ao afeto, ainda que implícito, escolhe Bouvet e Mallet por serem exceções a essa regra. Escolhe também e, obviamente, Lacan, porque neste reside

¹ Cabe ressaltar que a denominação “textos consagrados exclusivamente ao tema” exclui dessa lista os textos que tratam dos afetos em suas especialidades e os que, tratando de outro tema, colocam o aspecto afetivo em primeiro plano. O autor atenta ainda que em tais textos não se interroga sobre o lugar do afeto na estrutura.

o motivo principal de Green para escrever a comunicação que deu origem ao livro e que, como já vimos em nossa introdução, se traduz numa crítica à teoria lacaniana, acusada pelo autor de fundamentar-se numa exclusão do afeto.

Segundo Green, a maioria dos autores anglo-saxões tomam como ponto de partida para seus trabalhos sobre o afeto, excetuando a obra freudiana, o artigo de Jones, escrito em 1929, e cujo título é *Fear, Guilt and Hate*. Para Green, as concepções de Klein sobre os afetos primários parecem sustentar este trabalho como idéia essencial². Jones indica nesse estudo que é possível descobrir nestes três afetos uma função defensiva, pela mobilização de um afeto contra o outro. Dessa forma, pode o temor camuflar a culpa, o ódio servir de proteção contra ela ou o ódio dissimular o temor. Mas, além disso, constata o autor que o afeto que serve de defesa contra um afeto mais inconsciente se encontra sob o afeto inconsciente. Em outras palavras, o temor se encontra sob a culpa à qual servirá de defesa, como também o ódio é encontrado sob a culpa ou o temor. Para Green, nisso consiste a originalidade de Jones: “o afeto consciente é uma comunicação com o afeto mais inconsciente do mesmo tipo que ele, sendo ambos mediatizados por um outro afeto inconsciente, mas não o mais inconsciente”(GREEN:1973).

De acordo com Vieira, Jones parte de um estado afetivo primeiro e supõe a substituição deste por um afeto inconsciente, que será substituído por um afeto consciente, afeto este que guarda com o afeto arcaico uma analogia formal. Este afeto primordial, portanto, corresponde ao afeto primário, e os outros afetos são afetos secundários. Dessa forma, o afeto primário recoberto por um afeto secundário a um nível inconsciente, constitui uma primeira ação defensiva. E o afeto secundário, substituído por um outro afeto ao nível consciente, constitui uma segunda ação defensiva, como uma espécie de “defesa da defesa”. Chega-se assim a um afeto secundário consciente da mesma ordem que o afeto primário, mas em tudo distinto, como uma espécie de negação da negação que traz assim em si uma parte de verdade. O inconsciente é dessa forma compreendido como defesa primordial, e a consciência é compreendida como “defesa da defesa”, processo este que resulta na instauração do afeto no lugar da verdade (VIEIRA:1996).

² Vieira (1996) declara que mesmo sem Jones citar Melanie Klein nesse sentido, é possível supor a influência desta no trabalho daquele. Como também é possível supor, ainda, que tanto Jones quanto Melanie Klein foram influenciados por Abraham.

Vieira ressalva, entretanto, que Jones não fala de afeto primário nem de afeto secundário, e sim de camadas de estratificação. Porém, Jones se refere à angústia primária e à angústia secundária, e também a um estado afetivo primário o que, para Vieira, justificaria a utilização desta terminologia no comentário que faz sobre este artigo. O que importa para este autor é a constatação de que o afeto em Jones é a verdade do recalque e é ele que permite o acesso à verdade do sujeito, e não o significante (VIEIRA:1996).

Nas palavras de Green (1973), para Jones o afeto consciente e o afeto mais inconsciente não se encontram associados ao mesmo contexto. O temor superficial é uma angústia racionalizada e o temor mais profundamente oculto é uma angústia arcaica, a evocar ameaças maiores de natureza traumática. Deparamo-nos aqui com as duas expressões da angústia, o sinal de angústia e a angústia automática. A angústia originária é a responsável por esse mecanismo primitivo, apresentado por Jones com o nome de *afânise*, e que nos revela um outro aspecto do afeto primário da reação defensiva que ele acarreta: um bloqueio maciço sem contexto ideativo com aniquilação dos afetos de prazer.

“Afânise significa uma aniquilação total da capacidade para qualquer satisfação sexual direta ou indireta...esse termo se destina a representar uma descrição intelectual de nossa parte, de um estado de coisas que, na origem, não tinha nenhuma contrapartida ideativa no espírito da criança, consciente ou inconscientemente” (JONES:1929 apud GREEN:1973).

Para Vieira (1996) o essencial é discutir o estatuto do afeto e sua regra na estrutura, no sentido lacaniano de aparelho psíquico. Para tanto, ele determina um primeiro grupo de textos que possibilita o estudo da problemática do afeto, examinando-o de perto. A um segundo grupo de textos, fundamentados no aspecto fenomenológico do afeto, é dedicada uma lista, não exaustiva, incluída no apêndice de sua tese. Quanto ao primeiro grupo, duas leituras aparentemente divergentes do texto freudiano podem ser identificadas. A primeira, que o autor denomina de primeira corrente, aproxima o afeto da energia animal, de um corpo biológico onde o afeto deve ser submetido à razão através de sua neutralização por um eu forte. A segunda, denominada de segunda corrente, converte o afeto num código primitivo, “um dialeto de transição entre as fantasias primordiais e a palavra” (VIEIRA:1996). De acordo com este autor, Rapaport inicia a primeira

via, sendo seguido, entre outros, por Brenner; e Jones é exemplo da segunda, sendo o trabalho de Green a continuação desta escola.

Como Jones é considerado por Vieira, juntamente com Melanie Klein, a referência teórica para o desenvolvimento das concepções greenianas sobre o tema, consideramos importante nos atermos mais um pouco nos comentários feitos por esse autor com relação ao artigo de Jones. Não podemos perder de vista que Vieira toma como referência os impasses epistemológicos suscitados pelo uso e ruptura do modelo cartesiano na produção freudiana e na de seus seguidores, tendo portanto, como propósito específico em seu exame, a compreensão dos impasses aos quais o alicerce cartesiano pode conduzir, tanto na leitura freudiana que, segundo ele, por conta deste alicerce torna-se contraditória, quanto na clínica. Assim, de acordo com Vieira, Jones trata de três afetos primordiais em uma lista que não é exaustiva. Todos os três são considerados reações ao trauma fundamental, como uma acumulação de tensão libidinal, mas suas características não podem se reduzir aos graus de excitação diversos. Eles possuem um estatuto qualitativamente distinto que não pode ser estabelecido ao nível energético. Conforme Vieira, Jones utiliza noções desenvolvimentistas e genéticas do afeto, que se concentram em uma divisão entre afetos primários e afetos secundários. Os primeiros são compreendidos como uma reação direta e arcaica ao trauma, e os segundos correspondem à mesma reação se dando após a constituição da realidade psíquica. Não se trata de uma ontogênese afetiva como em Hartmann, onde uma evolução se produziu em um desenvolvimento do indivíduo, mas de uma filogênese afetiva compreendida a partir das etapas de uma evolução da linguagem³. Os afetos traduzem, nesta situação, as diferentes vias expressivas do ego, a evolução intervém depois (VIEIRA:1996).

A evolução pode se apresentar de formas diversas, mas ela sempre existe: o afeto primário pode ser o fundamento do afeto secundário e este, o fundamento da linguagem verbal ou, melhor ainda, o afeto primário pode ser o fundamento ao mesmo tempo do afeto secundário e da linguagem verbal. Ao invés de conceber o nascimento daqueles ao mesmo tempo a partir do recalque, como em Freud, eles são como etapas distintas de uma evolução da linguagem, com uma clara anterioridade cronológica para o afeto. Nesse contexto, a cura deve conduzir

³ Tradução nossa do termo original *langagière*, já que a língua portuguesa não dispõe de um outro termo mais apropriado.

à integração do ego arcaico ao ego principal pois o sofrimento vem de sua dissociação. A direção da cura visa tornar acessível o afeto inconsciente por detrás do afeto consciente e, principalmente, permitir o desvendamento do afeto primordial que está por detrás dos dois, e que é como uma espécie de essência mesma do analisando (VIEIRA:1996).

Fenichel (1941), num trabalho de análise dos diversos procedimentos defensivos utilizados pelo ego para conseguir dominar os afetos, irá insistir sobre o bloqueio maciço dos afetos. De acordo com Green, a posição de Fenichel é próxima da posição de Laplanche e Pontalis, que aproxima afeto e trauma pelo destaque ao valor traumático da excitação pulsional para o ego. Concepção esta que desloca a tônica do traumatismo como acontecimento exterior para o traumatismo como efeito de uma mobilização pulsional. O trauma proveniente do exterior desempenharia o papel de provocação da excitação pulsional ou, em outras palavras, a intrusão da sexualidade adulta na sexualidade infantil. A tentativa de tratar as excitações internas pela descarga, que resulta na extinção da excitação, seria uma outra resposta possível diante da angústia originária (GREEN:1973).

Glover(1939) e Brierley (1937-1949), com trabalhos influenciados por Melanie Klein, dão continuidade ao estudo dos afetos primários. Ambos questionam a importância, para eles exagerada, conferida ao elemento ideacional e representativo da pulsão. Eles fazem objeções à definição de afeto construída por Freud, que só leva em consideração o aspecto da descarga, e propõem uma distinção entre afetos de tensão e afetos de descarga. Glover assinala ainda, que existe uma grande dificuldade em estabelecer a diferença entre experiência afetiva e sensações corporais. Para compreender melhor a sua posição, no entanto, é necessário estudar a sua concepção dos *nuclei* do ego, originada de sensações corporais primitivas, e notadamente influenciada por Abraham. A fusão desses nucleos e das experiências com eles relacionadas é o resultado de uma evolução progressiva, originando o sentimento da unidade do ego, que pode ser dificultada pela sobrecarga das energias sadomasoquistas. Caso isso ocorra, encontraremos afetos de estilhaçamento, de desintegração e de explosão, observados nos mais diversos estados na clínica psicanalítica, tanto nas estruturas edípicas, quanto nas estruturas pré-edípicas (GREEN:1973). Afirma Glover:

“O sentimento psíquico do estilhaçamento é uma tensão afetiva típica e muito precoce que, no decorrer do desenvolvimento, pode se fixar em diferentes formas (canalizadas por associação com os sistemas fantasmáticos) segundo as experiências e os conteúdos inconscientes de períodos de desenvolvimento diferentes”(GLOVER:1939 apud GREEN:1973).

Para Green, Glover sustenta que no inconsciente, enquanto o elemento representativo conota uma experiência afetiva reveladora do elemento pulsional, o sistema fantasmático possibilita ao afeto um revestimento inteligível mas, talvez, enganador. De acordo com Vieira (1996), Glover e Brierley pertencem à segunda corrente, marcada pela influência de Jones, e da qual Green é o representante mais destacado. Com relação a essa segunda corrente, afirma Vieira que suas heranças diretas e suas linhas de sucessão não são tão claras como na primeira corrente. Entretanto, suas concepções se fundam sobre uma atitude comum: ela não toma o ‘afeto’ como um sinal cuja finalidade é adaptativa, mas sim os ‘afetos’ como um conjunto de signos constituindo um código primitivo eventualmente modificado pelo ego. Esta orientação se apóia na valorização do mundo fantasmático e sobre a noção dos afetos primários. Para o autor, além disso, a divisão conduzida por ele entre afetos primários e secundários vai de par com a concepção de afeto considerado como linguagem arcaica. O inconsciente, segundo essa segunda corrente, é um lugar de linguagens diversas, onde encontramos a linguagem energética. Mas, sobretudo, ele é o lugar de uma linguagem pré-verbal, que é a linguagem dos fantasmas, a qual se articula à pulsão (VIEIRA:1996).

Vieira destaca, ainda, que o termo linguagem é aqui utilizado em um sentido diverso do sentido lacaniano. Não se trata ‘da’ linguagem, mas ‘de’ linguagens diversas, sendo o afeto uma delas. Nesta pluralidade de línguas a pulsão é considerada também como uma linguagem (VIEIRA:1996).

Brierley (1937) analisa as relações entre pulsões e afetos declarando que, se na metapsicologia freudiana o conflito opõe as idéias e as cargas afetivas, após Freud é dado um enfoque maior ao investimento de objetos do que à carga afetiva de idéias. Para essa autora, o afeto deve ser considerado como o “derivado da pulsão” mais direto. E, sendo os afetos tanto efeitos de tensão quanto efeitos de descarga, reflexo de uma posição aferente ou eferente sobre o arco pulsional, é mais apropriado situá-los no ápice desse arco (GREEN:1973). Na concepção de Green, a leitura do texto da autora nos mostra que, mais do que argumentar sobre a preponderância relativa do afeto sobre a representação, ela aponta a

ultrapassagem da oposição entre esses termos pela introdução da noção de investimento de objeto.

De acordo com Fenichel (1941), o afeto tanto pode advir de um excesso inesperado de estímulos internos, quanto de um acúmulo de tensões não descarregadas que se descarregam sob a influência de um estímulo mínimo. Porém, cada moção possui uma qualidade e um limiar próprios, e tais considerações quantitativas, portanto, não podem esgotar o aspecto qualitativo. Assegura o autor que os afetos estão diretamente associados à evolução do ego, sofrendo por parte deste uma domaçaõ e que, conseqüentemente, as experiências afetivas são inseparáveis das relações estabelecidas entre o ego e os objetos. É importante destacar que, pela identificação primária, o investimento precede à diferenciação e à discriminação cognitiva ou, em outras palavras, ele precede à diferenciação entre o ego e o objeto.

Para Green é isso que Brierley sustenta, ao afirmar que “a criança deve sentir o seio antes de começar a percebê-lo e deve ter as sensações de sucção do seio antes de conhecer a própria boca” (BRIERLEY:1937 apud GREEN:1973). Consolidada está a noção de investimento de objeto, onde os mecanismos de introjeção e de projeção constituem métodos de dominação das emoções fantasiadas como modos de relações concretas com os objetos. Declara Green que a constituição dos afetos primários está ligada, assim, a seus “objetos-portadores”, implicando a importância do contraste entre objetos bons e maus. Brierley irá vincular a formação do eu à do objeto total. A autora sustenta ainda que a experiência da insatisfação, além de propiciar o nascimento do objeto, é também a matriz de um foco constante para a formação do objeto mau.

Brierley aponta a existência de inclinações afetivas, como disposições para viver certos afetos. Alguns afetos não estão acessíveis à consciência porque os precursores de afetos primários nunca foram conscientes. Segundo Green, essa teorização possibilita a perda do valor semântico do inconsciente, com o domínio da afetividade sem correspondente representativo, que é, para Brierley, o que está em jogo na transferência. Segundo essa autora, através do afeto encontramos-nos frente aos objetos arcaicos e o sistema primitivo do ego: “Não somente com as tensões das moções de objeto, mas também com as tensões intra e inter-egóicas” (BRIERLEY:1937 apud GREEN:1973). Para ela, a

reintegração do ego parcial primitivo no ego principal é possibilitada pela interpretação dos afetos na transferência (GREEN:1973).

Glover e Brierley representam, para Green, a primeira fase dos trabalhos sobre o afeto originados da escola inglesa, e cuja influência de Melanie Klein é evidente. Neles, há de se destacar a mudança de direção na concepção do inconsciente e a reavaliação da relação entre a representação e o afeto. Essa direção persistirá em autores que se desligarão da influência Kleiniana, como Winnicott, que abordará o desenvolvimento afetivo primário (1945) segundo parâmetros próximos, com a acentuação clara do papel do meio ambiente materno (GREEN:1973).

De acordo com Vieira (1996), Melanie Klein acentua, na linha de Abraham, o mundo fantasmático, considerado como expressão mental das pulsões, construída sobre a relação mãe-bebê. Os mecanismos que traduzem estas relações como, por exemplo, a clivagem entre o bom e o mau objeto ou as posições depressiva e esquizo-paranoide, estarão no centro dessas teorizações. Nesse sentido, não é na relação entre o ego e qualquer coisa de animal no corpo que se encontra a origem do afeto, mas no modo que se dá a relação do ego ao Outro. A expressividade primitiva do ego arcaico é sublinhada. Em suas trocas com o mundo, o bebê reage através das emoções primitivas que acompanham os fantasmas pré-verbais (estes são o equivalente psíquico do funcionamento pulsional e, o afeto, sua outra face). Esses complexos fantasmáticos-emotivos constituem, na qualidade de linguagem primordial, o fundamento da linguagem verbal (VIEIRA:1996).

O debate afeto X representação não é mais colocado da mesma forma e nem constitui mais um problema delicado. Afeto e representação são doravante intrinsecamente ligados porque eles são todos dois resultantes de uma linguagem primeira do qual o afeto é mais próximo (VIEIRA:1996).

Os trabalhos de Winnicott se inscrevem na tradição psicanalítica inglesa, e impõem a ultrapassagem da oposição representação-afeto com o objetivo de apontar a base afetiva do sentimento de existência. Para Winnicott, os estados afetivos primários, constituídos pelas alternâncias de estados de desintegração e de integração parcial do self, são bem anteriores ao que Melanie Klein descreve. Há um par indissolúvel formado pela mãe e pelo bebê, não cabendo nenhum discurso sobre o afeto que não faça intervir os afetos da mãe, a sua tolerância às

necessidades regressivas da criança até o estado de caos informal, condição de estabelecimento de um núcleo de continuidade afetiva viva (GREEN:1973). Para Vieira, Winnicott é o autor que mais evidencia o caráter essencial da relação mãe-bebê. O diálogo fundado nesse par indissolúvel funda o bebê na qualidade de sujeito. Esse sujeito é alçado ao estatuto de um ser afetivo primordial, onde se encontram imbricados afeto e representação, tudo ao mesmo tempo (VIEIRA:1996).

Bion se destaca por ser um dos poucos autores da escola inglesa que abordou a problema do afeto de um ângulo teórico. Em seu livro *Elementos da Psicanálise* (1963), ele apresenta um conjunto teórico inovador e amplo que, pelos limites de nosso trabalho, não será aqui exposto. Apenas assinalaremos que a proposta do autor é sustentada por uma grade de dupla entrada, com uma seqüência vertical que compreende a dimensão histórico-genética, e uma seqüência horizontal, que compreende a dimensão sincrônica dos processos de pensamento. O pressentimento está para o afeto, assim como a preconcepção está para a concepção do ponto de vista intelectual. Deste modo, é estabelecida uma correspondência entre a categorização ideativa e a categorização emocional, onde o autor defende a equivalência dos dois registros, com o deslocamento da tônica para o registro emocional(GREEN:1973).

“Representarei este deslocamento da tônica utilizando o termo sentimento (*feeling*) em lugar do termo pensamento (*thinking*). Essa substituição está baseada na utilização comum na prática analítica de frases como ‘Sinto que tive um sonho esta noite’ ou ‘Sinto que você me odeia’ ou ‘Sinto que vou ter uma depressão’. Essas fórmulas implicam uma experiência emocional e, portanto, são mais apropriadas ao meu projeto do que as implicações mais austeras do ‘Penso...’. As comunicações introduzidas pelos termos tais como ‘Sinto...’ são muitas vezes métodos para exprimir emoções ou pressentimentos; é em sua função como expressão e emoções que desejo considerar esses fenômenos” (BION:1963 apud GREEN:1973).

Nas palavras de Green, Bion consolida em sua teorização uma equivalência entre o “Eu penso” e o “Eu sinto”, e a adoção do termo “pensamento” se aplicará para ele por convenção tanto ao pensamento como à emoção. Ainda conforme Green, a teoria do pensamento de Bion denota claramente uma teoria estrutural dos afetos, “preenchendo o vazio entre o intelecto e o afeto” (GREEN:1973) De acordo com Vieira, Bion apresenta um projeto de formalização e de matematização rigoroso, tomando o afeto “à la

lettre”, ao nível do dito, o que o permite correlacionar o sentimento à ordem significante, sem ser obrigado a introduzir o dualismo nem o evolucionismo. Ressalta ainda o autor que algo do afeto resta não contemplado pelo sentimento, e que não é aqui abarcado por Bion (VIEIRA:1996).

A idéia de um afeto primordial conduz a uma clivagem do afeto e estabelece a oposição entre a ordem primordial/ego arcaico e a ordem simbólica/ego atual, oposição esta que, conseqüentemente, é anterior e a responsável pela clivagem. A clivagem do afeto distingue, portanto, o afeto primário e o que Glover denomina afeto secundário. O afeto primário está ligado aos fantasmas mais arcaicos e primitivos, e não é acessível diretamente à consciência. O afeto secundário o representa ao nível consciente e ao nível inconsciente. Ele é o resultado de sua transformação pela verbalização e o advento da linguagem, correspondendo propriamente ao fenômeno, que é o ícone do afeto primeiro (VIEIRA:1996).

Com relação aos autores da escola norte-americana, a influência hartmanniana não é homogênea. Green destaca em seu texto que são vários os autores americanos cujo vínculo à corrente hartmanniana é distante. Tampouco a influência de Hartmann está localizada na América do Norte. Porém, Hartmann é, inegavelmente, a maior influência teórica para a escola americana. E *A Concepção Psicanalítica do Afeto*, de Rapaport (1953), representa legitimamente o ponto de vista hartmanniano sobre a questão.

Rapaport declara que são três as teorias freudianas: a teoria da catarse, a do conflito e a do sinal, evidenciando cada uma delas contextos metapsicológicos diferentes. A teorização do problema do afeto encontra-se associada à essa peculiaridade. Portanto, na teoria da catarse, há uma equivalência entre os termos afeto, libido e investimento. Na teoria do conflito, o afeto existe no estado de potencialidade e se opõe à representação, que permanece sob a forma de um traço mnêmico. Há uma aptidão inata para o conflito, que implica limiares de descarga inatos, dos quais a tolerância à frustração é o reflexo. Na terceira concepção do afeto, este é sinal do ego, o que permite a construção de uma quarta concepção, caracterizada pelo ponto de vista “estrutural- adaptativo”. Essa quarta e última concepção, introduzida por Rapaport, tem como eixo central articulador o ponto de vista genético (RAPAPORT:1953).

Conforme este autor, antes da diferenciação id-ego os afetos utilizam limiares e vias inatas de descarga possuindo, além de uma função de descarga, um papel sócio-comunicativo exposto segundo predisposições hereditárias. Quando é instaurada a soberania do princípio de prazer, o afeto funciona como válvula de segurança para as tensões provocadas pela ausência do objeto. O afeto sobrevém quando alcança um limiar acima do que as vias inatas podem tolerar de tensão. Sendo a descarga incompleta impossível, ela somente reduz tais vias à quantidade de tensão tolerável segundo o limiar. As internalizações e contribuições da realidade propiciam um aumento do limiar de tolerância e permitem retardar a descarga. Esta mudança dos limiares origina “uma hierarquia de motivações que vai das pulsões aos interesses e às escolhas” (RAPAPORT:1953), e corresponde ao desenvolvimento dos processos secundários. Desenvolvimento este que é atingido através da atividade de ligação, a ação experimental do pensamento e da memória sobre a atividade alucinatória.

De acordo com Green, para Rapaport, há uma tendência em dar um lugar crescente à idéia de “pensamento representante da realidade”, por ser a idéia a representação preponderante da pulsão. A dominação dos afetos se conclui com a neutralização deles. As cargas afetivas são submetidas a contra-investimentos, mas as antigas estruturas persistem e são capazes de reaparecer durante “tempestades afetivas” e em processos primários. No entanto, a neutralização atingiu a produção de afetos sinais que se tornam progressivamente “sinais de sinais”. Porém, ao oposto do que possa aparentar, a neutralização afetiva não é a única condição para a normalidade, sendo necessárias também a variabilidade, a mobilidade e a modulação afetiva⁴. Assim, os estados patológicos serão caracterizados pela rigidez, pela intensidade e pela compacidade das produções de afeto (GREEN:1973).

Em cada nível há a descoberta de um conflito. O conflito entre as diversas camadas marca o ponto de vista dinâmico e, do conflito entre a neutralização e a descarga, resulta o ponto de vista econômico. As diversas instâncias agem sinergicamente ou antagonicamente numa perspectiva que leva em conta a realidade, caracterizando o ponto de vista estrutural e adaptativo. De acordo com

⁴ “*Rich and modulated affect-life appears to be the indicator of a ‘strong-ego’*” RAPAPORT, D. On the psychoanalytic theory of affects. In: **International Journal of Psychoanalysis.**, 34, 1953, pp. 195.

Green, “nunca o pensamento de Freud foi mais laicizado” (GREEN:1973). A metapsicologia freudiana, definida pelos seus pontos de vista dinâmico, econômico e tópico, sofre aqui uma distorção. O ponto de vista tópico torna-se estrutural e, “como se faltasse algo na metapsicologia freudiana” (GREEN:1973), Rapaport introduz o ponto de vista genético e adaptativo.

De acordo com Vieira, Rapaport inaugura a primeira corrente, cuja via de interpretação freudiana, fundada por Heinz Hartmann, lançou as bases da psicologia do ego, retomando a segunda tópica com a finalidade de promover a apologia do ego forte e de uma psicanálise normalizante para uma visão adaptativa. Portanto, a teoria de Rapaport é a introdução, no campo do afeto, daquilo que é introduzido por Hartmann na teoria psicanalítica, isto é, o ponto de vista estrutural adaptativo. A segunda teoria do afeto em Freud é revista a partir de uma tentativa de objetivação do fato clínico e de uma leitura de *Inibição, Sintoma e Angústia* que se funda sob o binômio “ego-mundo” (VIEIRA:1996).

Para Vieira, no entanto, esse gênero de concepção não é novo. Fenichel já havia insistido sobre a função de controle progressivo do ego em relação a seu desenvolvimento genético, no sentido de uma redução da descarga afetiva. Além disso, as concepções hartmannianas teriam já sido transpostas explicitamente para o campo do afeto antes de Rapaport, notadamente por Reider⁵ que correlacionou os afetos ao desenvolvimento do ego, ou ainda com Landauer⁶ que se refere a “afetos filogeneticamente diferenciados”. Mas é com Rapaport que essas noções tiveram sua tradução mais característica, mais consistente e que instaurou uma via onde Brenner “é o último autor até a data” (VIEIRA:1996).

Vieira, como já dissemos, se concentra no estudo de dois autores contemporâneos: Brenner, representando a primeira corrente, e Green, representando a segunda corrente proposta pelo autor. Segundo este, a escolha de Brenner se dá menos pela originalidade ou importância de sua contribuição que pelo caráter exemplar de seus estudos. Para Vieira, Brenner ocupa um lugar importante no panorama psicanalítico americano, por firmar uma obra sobre a psicanálise que faz a função de síntese introdutória largamente difundida. Esta teoria é unificada, se propondo a dar uma contribuição original que articula o

⁵ REIDER, N. The theory of affects. In: **Bull. Amer. Psa. Assn.** 8, 1952, pp. 300-315.

⁶ LANDAUER, K. Affects, Passion and Temperament. In: **International Journal of Psycho-Analysis**. 19, 1938, pp. 388-415.

afeto à angústia, e é considerada exemplar das linhas de força que Vieira irá denominar de *continuum affectif* (VIEIRA:1996). Acreditamos entretanto que, para os fins de nosso trabalho, devemos considerar mais profundamente as proposições de Brenner, segundo a interpretação feita por Vieira, comparativamente ao estudo das proposições de Green, a serem feitas mais adiante.

Afirma Vieira que Rapaport coloca em discussão, já no início de seu artigo, o estatuto metapsicológico do afeto. As três teorias freudianas identificadas pelo autor, já apresentadas acima – teoria da catarse, teoria da descarga (denominada por Green de teoria do conflito) e teoria do afeto-sinal, correspondem a três níveis de conceitualização. Dessa forma, as teorias não são autônomas, integrando uma hierarquia evolutiva e cronológica, sendo portanto considerada a mais perfeita a teoria do afeto-sinal de *Inibição, Sintoma e Angústia*. Esta última se abre ainda ao ponto de vista estrutural adaptativo, constituindo, como já vimos, um quarto nível, introduzido por Hartmann na metapsicologia freudiana. Nesta perspectiva genética e “periodizada”, um ego forte terá como indicador um gênero de afetos secundários, afetos estes claramente anunciados por Rapaport como já sendo reconhecidos por Fenichel, e que são caracterizados por uma maior mobilidade, modulação e variabilidade. Destaca Vieira que a distinção feita por Jones entre afetos primários e secundários, entretanto, é o resultado de uma evolução individual, como duas formas ou níveis de maturação de uma mesma coisa, tratando-se portanto de um outro sentido completamente diverso do que é dado por Rapaport (VIEIRA:1996).

As variações pulsionais em todos os níveis hierárquicos permanecem efetivas na vida psíquica. Dessa forma, encontramos no adulto normal fenômenos afetivos que vão desde afetos de investimentos altamente neutralizados à entrada de afetos maciços. A coexistência desses estados implica, dessa forma, um *continuum* instituído ao seio do sujeito, entre o passado e o presente, o animal e o humano. O equilíbrio é a chave da evolução, e de sua ruptura, se origina o afeto. Ele se insere em vários níveis através de uma progressão adaptativa que parte do equilíbrio dinâmico, passa pelo equilíbrio energético e chega finalmente ao equilíbrio tópico entre as instâncias (VIEIRA:1996).

E. Jacobson publica, em 1953, o artigo *The affects and their Pleasure-Unpleasure Qualities in Relation to the Psychic Discharge Processes*, de grande

influência na literatura psicanalítica ⁷. Ela analisa as concepções de vários autores, sobretudo as de Glover, Brierley e Rapaport, e propõem uma saída, segundo Green interessante, quanto ao fato do afeto ser considerado um fenômeno de tensão ou um fenômeno de descarga.

“Considerado do ponto de vista psico- econômico, um estímulo interno ou externo conduz a elevações de tensão que têm como resultado um desencadeamento psíquico e um processo de descarga. Esse processo encontra sua expressão nos fenômenos motores tanto quanto nas sensações e nos sentimentos percebidos pela superfície externa e interna da consciência” (JACOBSON: 1953).

O afeto, portanto, se origina a partir dos fenômenos de tensão e dos fenômenos de descarga, sendo os dois aspectos inseparáveis. Uma elevação de tensão pode, ainda, continuar a se desenvolver num determinado ponto, enquanto que num outro, ela pode decrescer por uma descarga parcial. Coexistem, assim, investimento e contra-investimento. A descarga pode, no prazer, iniciar, enquanto a tensão ainda cresce. O prazer de tensão pode levar à necessidade de uma maior excitação, o prazer máximo pode acarretar a necessidade de um apaziguamento e o prazer de apaziguamento a nostalgia de um prazer de tensão. A situação psíquica determinará a mudança. Dessa forma, a concepção rapaportiana do afeto como resultado de uma não descarga não pode ser admitida pela autora, posto que o afeto é também o resultado do investimento pulsional. E o princípio de prazer não objetiva mais o apaziguamento das tensões.

“O princípio de prazer e, mais tarde, sua modificação, o princípio de realidade, limitar-se-ia a dirigir o curso das oscilações biológicas em torno de um eixo médio das tensões; isto é, as modalidades dos processos de descarga. As qualidades do prazer serão vinculadas às oscilações do pêndulo da tensão de cada lado, por tanto tempo quanto os processos de descarga psicofisiológica correspondentes puderem escolher certas vias preparadas e as mudanças de tensão puderem tomar um curso definido dependendo, parece, de certas proporções ainda desconhecidas entre as quantidades de excitação e a velocidade e o ritmo de descarga”(JACOBSON:1953 apud GREEN:1973).

Para Jacobson, as funções de controle e de gratificação das pulsões psíquicas, a função adaptativa e a função de autoconservação representam as leis essenciais da vida psíquica. De acordo com Green, tais considerações teóricas acarretam uma considerável mudança na concepção freudiana. O princípio de

⁷ De acordo com Green (1973), este artigo pode ser genuinamente considerado o mais importante

prazer está submetido a um princípio homeostático, que se revela o centro de uma homologia psíquica –biológica. Neste contexto, a agressividade passa a ter uma relação direta com a frustração e a tolerância à tensão é apreciada somente em relação com o controle da frustração. Portanto, a maturação afetiva depende da adaptação ao princípio da realidade, pela redução do afeto a sua função sinal, consolidando o ponto de vista genético (GREEN:1973).

É importante destacar que a autora, a partir de tais considerações, distingue duas classes de afetos: os afetos simples e compostos originados de tensões intra-sistêmicas e os afetos simples e compostos originados de tensões inter-sistêmicas. Na primeira classe de afetos, eles são subdivididos em afetos representantes das pulsões propriamente ditas, originados das tensões diretas do id, e afetos originados diretamente das tensões no ego. Na segunda classe, os afetos se subdividem em afetos originados de tensão entre o ego e o id e afetos originados de tensões entre o ego e o superego (JACOBSON:1953).

Segundo Vieira, a maior parte dos autores, a começar por Rapaport, não descarta o ponto de vista econômico, com exemplar exceção de Brenner, que o faz de forma clara. Existe mesmo quem se situa de uma forma radicalmente oposta à de Brenner, como Borge-Löfgren (1964) que, como veremos adiante, propõe uma concepção puramente energética do afeto. O *continuum* evolutivo de Hartmann é diretamente proveniente de um *continuum* energético implicitamente aceito por todos os autores dessa corrente. Nesse sentido, os estudos de Brierley constituem um exemplo das dificuldades engendradas pelo paradigma psicofisiológico. Para esta autora, como também para a maior parte dos autores dessa corrente que se fundamenta sobre a “égide do econômico” (VIEIRA:1996), a questão essencial é saber, como já vimos, se o afeto é um fenômeno de tensão ou de descarga, posto que Freud parece ter teorizado o afeto nessas duas direções (VIEIRA:1996).

Brierley, ao buscar inserir o afeto em seu modelo de arco pulsional, se questiona onde este deve ser colocado, se do lado aferente ou do lado eferente, e termina por colocá-lo no centro. De acordo com Vieira, isso se dá sem que saibamos muito bem onde se encontra esse lugar, e qual o estatuto que a autora lhe dá. De acordo com esse autor, também, tudo afirma a preferência da autora pelo afeto como um fenômeno de tensão. E. Jacobson constitui outro exemplo, por atribuir a origem dos afetos aos fenômenos de tensão e de descarga,

correspondendo assim o afeto, ao mesmo tempo, a uma tensão e a uma descarga. O que poderia se constituir uma autêntica transformação, não fosse o fato de, inscrita no paradigma psicofisiológico, Jacobson ser condenada a cair no paradoxo de uma descarga que não se descarrega ⁸(VIEIRA:1996).

As contribuições de Rapaport e de Jacobson asseguram, para Green, os novos eixos teóricos da psicanálise. A escola norte-americana se caracterizará pela admissão dos pontos de vista estrutural e genético numa perspectiva psicobiológica, onde a finalidade adaptativa é denotada no estudo do par estímulo- resposta. A escala maturativa possui uma tendência ao estabelecimento de sinalização com finalidade adaptativa; há uma diferenciação entre o ego e o self, com dotação pelo ego de aparelhos autônomos com intenção adaptativa. O par gratificação- frustração é uma das maneiras de se estudar o fenômeno, sendo a libido associada à gratificação, enquanto que a agressividade é associada à frustração (GREEN:1973).

Segundo Vieira, o afeto, em Rapaport, parece ter uma existência própria no enquadre psicofisiológico. E, posto que ele é compreendido separadamente, poderíamos supor que ele possa se manifestar sozinho, desprendido da representação. Ainda que Rapaport insista sobre o papel dos afetos-sinais, na qualidade de índices de realidade tão importantes quanto os da idéia, a questão das relações entre o afeto e a representação não é abordada por esse autor. Vieira segue declarando que Freud aceita a existência do afeto sem idéia, sem que faça questão de uma gênese e de uma teorização independentes como as que encontramos em Rapaport, posto que, para Freud, o afeto não se distingue da representação somente após o recalque. Em Freud, o afeto não é índice, é representante. Dessa forma, o afeto permanece em uma relação intrínseca com a idéia e, já que todos os dois são delegados, nenhum deles guarda uma relação material com a pulsão ⁹. Com efeito, a questão em Freud não é a transformação

⁸ “Nous avons là quelque chose qui aurait pu constituer un véritable changement, n’était que, du fait de s’inscrire dans le paradigme psychophysiologique, Jacobson est condamnée à tomber dans le paradoxe d’une décharge qui ne se décharge pas.” VIEIRA, M. In: **L’Ethique de la Passion**. 1996, pp.90.

⁹ “A utilização do paralelismo psicofisiológico jacksoniano por Freud em sua crítica à Wernicke é outra. Não trata-se de conceber um fenômeno psíquico ocasionado (a cada vez) por uma modificação na coisa física ou o inverso. A passagem da noção de ‘alteração fisiológica’ para a de ‘processo funcional’ na origem do fenômeno psíquico, tal qual ela é descrita em seu estudo sobre as afasias, acena essa alteração.” VIEIRA, M. In: **L’Ethique de la Passion**. 1996, pp.83 (tradução nossa).

de um substrato orgânico localizável originando “échos psychologiques” (VIEIRA:1996) mas, antes, a dos “événements physiologiques” (VIEIRA:1996) postulados *a posteriori* a partir das funções anímicas. A realidade material desses eventos não é mais o ponto de partida constitutivo de um axioma causal obrigatório, mas um postulado lógico necessário (VIEIRA:1996).

O debate acerca das relações entre o afeto e a representação desemboca sobre as tentativas de conciliar afeto-índice e representação. Brenner, segundo Vieira, é aqui um autor típico, já que sintetiza e propõe a solução mais difundida entre as que tomam Rapaport como ponto de partida. Trata-se de considerar o afeto como um ente inconsciente mais ou menos energético, que encontra na representação seu modo de expressão. O afeto sinalizaria então os conteúdos aos quais o ego está associado. De fato, não é somente o conjunto da vida afetiva traduzindo os níveis de evolução do indivíduo que deve nos interessar, importa precisar o conteúdo inconsciente associado a cada afeto para poder localizar os conteúdos que se ligam aos afetos primitivos e os que se ligam aos afetos mais desenvolvidos. Isso acarreta uma oscilação no interior do quadro hartmanniano, entre o realismo naturalista da proposição “só o afeto (ou o conjunto das manifestações afetivas do indivíduo em suas relações com o mundo) pode indicar de maneira concreta o grau de maturação do ego” (VIEIRA:1996) e uma espécie de idealismo nominalista, que formula que “o afeto encontra na idéia sua colocação em forma expressiva, e que mostra os conteúdos aos quais o ego se põe verdadeiramente em relação, e são esses que indicam o nível de maturação do ego”(VIEIRA:1996). Dessa feita, encontramos todas as gradações possíveis entre essas duas posições.

De fato, um amplo número de trabalhos sobre o afeto adotará a orientação dada pelos trabalhos de Hartmann e de Rapaport a partir de 1953. Green os divide, didaticamente, em trabalhos puramente teóricos, trabalhos orientados para a clínica, e trabalhos centrados no tratamento. De acordo com Vieira, Green, em *O Discurso Vivo*, ligado à determinação manifesta de demonstrar que a teoria lacaniana é fundada sobre um esquecimento do afeto, e a uma tentativa mais ou menos assumida de constituir uma teoria geral do afeto, irá acumular uma quantidade enorme de informações e de exposições de textos os mais diversos, por vezes sem um fio condutor aparente. Vieira porém atesta, ao se referir ao seu

próprio trabalho, que sua leitura dos trabalhos pós-freudianos é vaga e, em certa medida, injusta, frente ao esforço dos autores escolhidos por ele – incluso Green – em constituir uma teoria do afeto que se sustente. O autor salienta ainda que, para os seus objetivos, é menos importante o exame profundo de cada sistema do que extrair suas linhas de força maiores quanto ao afeto, com a finalidade de compará-las em seguida com a leitura lacaniana de Freud (VIEIRA:1996).

Portanto, para Vieira, o exame dos trabalhos de Brenner e Rapaport são suficientes para a exposição das linhas diretrizes do que se denomina *psicologia do ego*. A nossa finalidade nesse trabalho não é a mesma de Vieira, porém tampouco a de Green. Na verdade, os objetivos e limites do nosso trabalho, expostos em nossa introdução, guardam certas proximidades e certos distanciamentos com os métodos utilizados pelos dois autores. Dessa forma, consideramos importante apresentar alguns teóricos da escola norte-americana que, para nós, são representativos de alguns impasses e de algumas contribuições ao estudo do tema em questão.

Kaywin(1960) é associado por Green ao grupo de trabalhos puramente teóricos. Para nós, isso importa menos do que a atitude assumida por esse autor, marcada por uma posição epigenética extremista. Ele sustenta que a energia biológica é a única cuja existência é admitida, sendo dispensável uma diferenciação entre energia biológica e energia psíquica, e ilegítima a referência a um ponto de vista energético em psicanálise. A energia somente pode ser estudada através das funções e dos processos estrutural-energéticos de modelos de reação, que são estratificados em hierarquias de unidade estrutural– funcionais. Parte-se das unidades químico– energéticas para as unidades genéticas, e dessas, para as unidades embriológicas, chegando, por fim, às unidades psicobiológicas e psicanalíticas. O afeto é um sentimento do ego positivo ou negativo, definido como representações de sinais internos e externos que sofre estruturações e se torna representações do self. “As percepções de tonalidade em relação com (ou associadas com) o self (mais exatamente partes do self) podem ser descritas como afetos” (KAYWIN:1960 apud GREEN:1973).

As proposições de Kaywin desvirtuam por completo a metapsicologia freudiana. Segundo Green, ele insiste no caráter não-genérico dos conceitos de pulsões, o que possibilita modificá-los e até mesmo substituí-los, em coerência com as reformulações teóricas. Além disso, os conceitos de investimento, de

ligação e de neutralização não são sustentáveis em sua forma atual. E os conceitos de id, ego e superego não são indispensáveis. Finalmente, a concepção clássica do desenvolvimento da libido pode ser radicalmente alterada a partir do momento em que ela se torna um aspecto parcial do processo integral da epigênese (GREEN:1973).

Moore ¹⁰ (1968 apud GREEN:1973) associará o afeto de descarga fisiológica às estruturas cerebrais, particularmente o sistema límbico. Afirma este autor que é a natureza fisiológica dos afetos primários a responsável pelo seu estatuto inconsciente. Stewart ¹¹ (1967 apud GREEN:1973), adotando uma posição menos extremista, acentua a função de sinalização do ego. Através da análise dos trabalhos de Freud de 1888 a 1898, esse autor levanta a hipótese de que a função sinal do afeto, que objetiva despertar o ego com a finalidade de adaptação, já era considerada por Freud desde o começo. A partir disso, ele define o afeto como uma mensagem de valor informativo que se inscreve no conjunto dos processos reguladores do aparelho psíquico. Destacamos também Max Shur ¹² (1967 apud GREEN:1973) que, defendendo a idéia de um *continuum* psicofisiológico em seu trabalho sobre o id, sustenta que este também é dotado de aparelhos autônomos com finalidade adaptativa, não sendo estes, como declara a maioria dos autores norte-americanos, exclusividade do ego.

Engel ¹³ (1962 apud GREEN:1973) estuda a transição do campo biológico para o campo psicológico, a partir da problemática dos afetos primários de desprazer na criança. O autor salienta o valor do afeto como modo de comunicação arcaico, e estabelece duas grandes categorias afetivas. A primeira, de origem biológica, abarca os afetos de descarga pulsional, anteriores à constituição do ego. Eles possuem um fraco valor sinalizador cujo efeito se resume à descarga. O acesso ao campo psicobiológico é feito pelo surgimento do ego, no nono mês. Os afetos passam a ter um amplo valor de sinal e suas informações podem ser decodificadas nos registros de prazer ou de desprazer. O ego é submetido ao princípio da realidade e a função da descarga é deslocada

¹⁰ MOORE, B. **Some Genetic and Developmental Considerations in Regard to Affects**. Cf BORJE-LOFGREN (1968).

¹¹ STEWART, W. **Affects**. In: **Psychoanalysis: The First Ten Years 1888-1898**. Mac Millan Co., 1967.

¹² SCHUR, M. **The Id and there Regulatory Principles of Mental Functioning**. Hogarth Press and the Institute of Psychoanalyse, 31, 1967.

para o segundo plano. O autor firma as suas hipóteses na diferenciação freudiana entre angústia automática e angústia sinal. A angústia automática induz respostas de modelo ativo e de modelo passivo. Dessa forma, há a oposição de dois grandes tipos de afetos. A ‘angústia’, como um esforço para assegurar a satisfação das necessidades de um modo regressivo, no quadro de uma relação que permite distinguir self e objeto, e a ‘retração depressiva’, como uma reação à perda do objeto, compreendida como uma regressão maciça que assinala a derrota do ego, e um retorno ao estágio de indiferenciação pré-objetal.

O ponto de vista epigenético permanece, assim, como o grande eixo norteador. Schmale¹⁴, em 1964, sugere uma classificação genética dos afetos segundo as duas grandes etapas da não-distinção entre o self e o objeto e, posteriormente, a sua diferenciação. As teorizações sobre o afeto encontram-se na dependência cada vez mais expressa das relações entre o self e o objeto. Spiegel (1966) estuda os afetos nessa perspectiva, considerando as relações entre o afeto e o narcisismo. Seu trabalho se situa menos na angústia do que na dor, considerada segundo os conceitos metapsicológicos. De acordo com Green, embora esse autor contribua para a compreensão da relação do self com o objeto, há um deslocamento da ênfase, que é colocada sobre a experiência real em prejuízo da realidade fantasmática, tal como é delineada nos trabalhos kleinianos (GREEN:1973).

Em 1968, Sandler e Joffe, a partir de determinadas hipóteses de Freud¹⁵, compreendem o afeto como resultado de uma experiência traumática, como indicador de uma quantidade pulsional e como resposta a um estímulo. O artigo defende uma *psicologia psicanalítica da adaptação*. Nesse sentido, as neuroses são adaptações patogênicas aos efeitos secundários de um acontecimento, de uma realidade ou de uma experiência particular pertencente ao mundo exterior. Assim, o afeto se torna um mediador da adaptação. Adotando a posição de Max Schur (1967), que compreende o princípio de prazer como princípio homeostático de constância, regulador do funcionamento mental e do equilíbrio pulsional, esses

¹³ ENGEL, G. Anxiety and Depression Withdrawal: the Primary Affects of Unpleasure. In: **International Journal of Psychoanalysis**. 43, 1962, pp. 89-97.

¹⁴ SCHMALE, A. A Genetic View of Affects with Especial Reference to the Genesis of Helplessness and Hopelessness. In: **Psychoanalytic Study of the Child**. 19, 1964.

¹⁵ JOFFE, W. e SANDLER, I. Comments on the Psychoanalytic Psychology of Adaptation with Especial Reference to the Role of Affects and the Representational World. In: **International**

autores dissociam o princípio de prazer- desprazer das experiências afetivas de prazer e de desprazer e o funcionamento psíquico procede por integrações positivas sucessivas. Os autores sugerem a introdução na metapsicologia de um princípio de segurança, cujo objetivo é a constituição de um estado afetivo central. O objetivo final é a redução da distância entre o self ideal, oriundo de um funcionamento psicobiológico harmonioso, e o self afetivo. A individuação consiste na evolução progressiva que substitui os ideais infantis pelos ideais adaptados à realidade (GREEN:1973).

Este primeiro grupo da escola norte- americana, fundamentalmente teórico, se diferencia entre os que adotam o ponto de vista econômico e os que adotam o ponto de vista que poderia ser chamado de “sinalético” (GREEN:1973). A grande maioria dos autores, como pudemos observar, pertence ao primeiro grupo. Entre os autores ligados à concepção econômica encontramos Borje-Löfgren (1964), que propõe uma concepção puramente energética do afeto. A excitação psíquica será compreendida segundo os dados da excitação nervosa, com o estudo de potenciais energéticos, transferência de cargas dos potenciais elevados para potenciais menos elevados, onda de negatividade e isolamento de pools de energia das células nervosas. O afeto aqui é o puro produto das trocas energéticas, sem qualquer referência à qualidade, a não ser como resultado das “operações de drenagem” entre o ego e o id. Ulteriormente, esse autor completa suas concepções adotando a tese do afeto como expressão mimética de valor comunicativo (1968), e tentando uma difícil harmonização com suas opiniões anteriores (GREEN:1973).

De acordo com Vieira, na concepção puramente energética do afeto proposta por Borge-Löfgren, o modo de transmissão das “mensagens” através do neurônio, isolado e descrito em laboratório, vem aqui fornecer não mais uma metáfora, mas “a realidade material” do aparelho psíquico e das mensagens veiculadas pelo afeto, traduzidas pelas variações energéticas. Para Vieira, tais afirmações, no entanto, conduzem às mesmas dificuldades que as outras, visto que o autor se encontra obrigado a apoiar-se em uma teoria da comunicação, em seu já mencionado artigo de 1968. Este, inscreve o afeto do lado do signo e da mensagem, aproximando-se assim da solução de Brenner, na tentativa de resolver

as dificuldades de evitar o fator econômico, porém sem notar que esta questão se repousa na manutenção do quadro psicofisiológico (VIEIRA:1996).

Para Green, em todos esses trabalhos encontra-se presente a tese hartmanniana dos afetos enquanto “indicadores”, sustentando a tese do valor cognitivo do afeto para a maioria dos autores. Green declara que, embora aprove a função cognitiva do afeto, não considera que o sinal de afeto possua um valor adaptativo. Afirma o autor que “é muito mais fecundo heurísticamente ligar o afeto ao processo de simbolização e colocá-lo em relação com outros tipos de significantes presentes no processo psicanalítico”(GREEN:1973).

No segundo grupo de trabalhos norte-americanos postulado por Green, o foco é o aspecto clínico. Argumenta esse autor que, ainda que essa divisão seja artificial, ela é útil por permitir situar à parte certos autores nos quais a influência hartmanniana é menos destacada. Nesse segundo grupo, Green inclui Blau, Novey, Lewin e Schafer. Acreditamos ser importante apresentar este último, cuja abordagem do problema do se distingue por uma orientação não genética, pouco comum entre os autores anglo-saxões. E também Lewin, por sua importante contribuição aos problemas teóricos colocados pelo afeto.

Schafer (1964) estabelece oito parâmetros para o estudo do afeto: existência, formação, força, estímulos, complexidade e paradoxo, localização, comunicação e história. Quanto à *existência*, declara o autor que a expressão dos afetos não é uma prova de sua autenticidade, assim como a ausência de expressão não é uma prova de sua dissimulação. Da mesma forma, a hiperexpressividade dos afetos não atesta forçosamente sua artificialidade. Desse modo, qualquer abordagem fenomenológica dos afetos é inadequada. Com relação à *formação*, a interpretação das defesas faz com que apareçam novos afetos de difícil definição. E a formação de afetos precisos parece depender de um trabalho de isolamento, de fragmentação, assim como de um trabalho de representação e síntese. O afeto é solidário de uma configuração que suporta sua manifestação. O parâmetro *força* assevera que a força ótima para a expressão do afeto não é a força máxima. Assim, o afeto sinal é seguramente o resultado de uma elaboração evoluída. Entretanto, a redução afetiva não deve ser interpretada como um sinal de maturidade. A abertura para o afeto a explica melhor.

Com relação aos *estímulos*, o autor afirma que a origem dos afetos não é interna ou externa. Às vezes os afetos são derivados dos objetos, às vezes são

orientados para eles ou estão em reação contra eles. No parâmetro *complexidade e paradoxo*, a análise reconstrói os agregados afetivos mais ou menos secundariamente autonomizados. Contudo, deve-se tomar cuidado com a redução do afeto a uma pseudo-realidade simples. A autenticidade afetiva é a complexidade, a ambigüidade e não a simplicidade agenciada por um procedimento idealizante. A *localização* dos afetos deve ser indicada em relação com o tempo, pela substituição de um afeto por um outro; em relação com o nível, pela estratificação afetiva; em relação com as pessoas, pelo “papel do empréstimo” de um afeto pertencente a uma pessoa com a qual há identificação; e em relação com as zonas corporais - cuja referência é um ponto de partida, e não de chegada, pela atribuição dos afetos de uma zona à outra. O afeto, a partir do parâmetro *comunicação*, é a relação entre uma emissão (mensagem) e uma recepção (resposta). Ele pode servir à manipulação das pessoas com quem se convive (comunicação intersíquica) ou à relação consigo mesmo (comunicação intra e intersíquica). Assim, a empatia não é orientada apenas para o outro, ela também se aplica a si mesmo, por um processo de troca entre afeto e consciência. O aspecto ontogenético do afeto é denominado *história*.

De acordo com Bertram Lewin (1963), nossos hábitos de pensamento nos induzem à busca de categorias intelectuais e afetivas “puras”. Porém, as experiências subjetivas primitivas ou primárias são, por natureza, experiências nas quais se misturam num todo indissociável aquilo que apenas o desenvolvimento ulterior poderá distinguir sob os nomes de “intelectual” e de “afetivo”. A experiência subjetiva primitiva provém, deste modo, de uma força maciça e indiferenciada. Segundo esse autor, a metapsicologia freudiana permanece talvez presa a um “atomismo psicológico”, que emprega todas as forças para distinguir destino do afeto e destino da representação. Segundo Green, Lewin, entretanto, se mantém filiado à tese do afeto como formação subjetiva primitiva consciente (GREEN:1973).

Os “sonhos em branco” fornecem exemplos clínicos de afetos puros, sem conotação representativa, nos quais só o afeto está presente. Para Lewin, porém, tais sonhos, que pertencem ao conteúdo manifesto, são produtos altamente elaborados em cuja produção os mecanismos de defesa do ego exercem um papel importante, assim como a regressão. Os afetos são sempre formações compósitas, compromissos – como os sintomas – entre as emanações do id e as atividades do

ego. Dessa forma, determinados afetos-encobridores são análogos às lembranças-encobridoras. Logo, há uma estruturação dos afetos, que segue simultaneamente no sentido da diferenciação (afetivo-intelectual) e no da elaboração afetiva (construções de afetos), onde o ego intervém de modo estimável. Para Green, é visível que a teoria psicanalítica norte-americana se volta para uma psicologia categoricamente genética. Quanto a esse ponto, afirma o autor:

“Nossa reticência a respeito da psicanálise genética não se dá porque sejamos levados a minimizar por pouco que seja as raízes infantis do inconsciente. Mas são dois procedimentos diferentes: afogar a especificidade do pensamento psicanalítico numa teoria do desenvolvimento da personalidade e fazer a teoria da diacronia em psicanálise. Qualquer que seja a crítica que possa ser feita aos autores kleinianos sobre a correspondência entre os fatos que eles descrevem e a situação desses fatos no calendário da cronologia, essa versão inacreditável do desenvolvimento parece –nos mais acreditável do que a dos autores mais ou menos hartmannianos”(GREEN:1973).

A exposição dos trabalhos pós-psicanalíticos anglo-saxões feita por Green indica claramente a preferência deste autor pela escola inglesa. A sua crítica à escola norte-americana é voraz. Ele chega a afirmar que uma das suas constatações mais surpreendentes foi a descoberta de que essa escola possuía os mesmos traços recriminadores dos trabalhos franceses: a abstração e a intelectualização. Em relação à exposição dos trabalhos franceses, a escolha de Green recairá sobre Mallet, do ponto de vista teórico e Bouvet, do ponto de vista clínico, que abordaram diretamente o problema. Porém, acreditamos que para os fins de nosso trabalho, é mais enriquecedor apontar as contribuições de Green a uma teoria geral do afeto. É o que pretendemos fazer de agora em diante.

De acordo com Vieira, o trabalho de Green é muito mais aprofundado e muito mais denso que o de Brenner, escolhido para representar a primeira corrente. Em Brenner, ressalta-se uma teoria quase dogmática, que se pretende amparar sobre a evidência clínica a partir da qual o autor se considera capaz de efetuar uma síntese das concepções presentes na teoria psicanalítica. Assim, “a sua autoridade vem do fato clínico” (VIEIRA:1996). Encontramos, então, uma narrativa rígida e simplista que tem, todavia, a vantagem de ser muito clara quanto aos seus objetivos e às suas conclusões. O trabalho de Green, ao contrário, é marcado por concepções mais sofisticadas, porém se mostra menos elucidado quanto ao seu projeto de conjunto. No entanto, esta diferença não é sem relação com os fundamentos teóricos da corrente de pensamento onde esse autor se

insere, particularmente no que se concerne ao valor que é conferido ao fenômeno (VIEIRA:1996).

Para Brenner a verdade está no fenômeno, que é mais ou menos diretamente acessível, e sua teoria objetiva traduzir um fato de realidade. Em Green, o fenômeno já é uma *découpage* da realidade, mediatizado pela transferência. Esta impede de fazer abstração das condições de transmissão da experiência onde o fenômeno se produz, que levaria à utilização dos discursos produzidos sobre o afeto somente a título de ilustração, como o faz Brenner. De acordo com Vieira, esse pressuposto é muito positivo, ainda que pareça faltar ao autor um aparelho conceitual claro. Para Vieira, isso o conduz a construir um painel enciclopédico que retrata tudo o que foi dito sobre o afeto na literatura psicanalítica, para poder introduzir sua teoria, sem que saibamos muito bem aquilo que está em revista, e que parece não lhe conferir a autoridade de saber necessária para criticar Lacan. Assim sendo, Green irá seguir ao exame das obras de Freud sobre o afeto, depois exporá uma visão de conjunto da literatura após Freud e, em seguida, examinar o papel dos afetos nas diferentes estruturas clínicas, para só depois se permitir a formular suas próprias teses de maneira mais explícita (VIEIRA:1996).

Em síntese, Green (1973) retoma a tradição inglesa a partir dos trabalhos de Melanie Klein e de Ernest Jones, e os coloca em tensão com sua “leitura oblíqua de Lacan”(VIEIRA:1996), com a finalidade de situar o afeto na qualidade de linguagem primordial, protolinguagem, “hipótese que se presta a todas as crítica endereçadas a uma visão evolucionista da origem da linguagem” (VIEIRA:1996).

É na terceira parte de sua obra que Green introduz os seus estudos teóricos sobre o tema. Para tanto, o autor analisa o afeto em suas relações com as duas tópicas e, em seguida, apresenta a sua contribuição mais direta, denominada por ele de “esboço de um modelo teórico: o processo ¹⁶”. Em suas considerações iniciais, o autor aponta que a situação do afeto na teoria freudiana é paradoxal já em sua definição. Em verdade, encontramos duas definições distintas do afeto

¹⁶ Na língua francesa, *le procès*, que para o autor compreende, ao mesmo tempo, o sentido de marcha, desenvolvimento, progresso, e o sentido de desfecho do conflito, “pela decisão dada a ele, consignada no estado que o apresenta” (GREEN:1973). Green prefere o termo *procès* ao termo *processus* psicanalítico, posto que, para ele, o último só possui uma das acepções precedentes.

cuja compatibilidade é problemática. A primeira, a da quantidade, é consubstancial com o inconsciente, pois trata da afectação energética das representações. A segunda, a da qualidade, parece deixar pouca margem ao inconsciente (GREEN:1973).

Green reconhece que os “agentes provocadores do afeto” (GREEN:1973) são identificáveis no real e no imaginário. Entretanto, tal origem não é exclusiva, declarando o autor expressamente a existência de afetos surgidos do interior do corpo, por uma elevação súbita de investimento, e “sem o socorro da representação” (GREEN:1973).

“Sem dúvida, é possível, procurando bem, encontrar resquícios perceptíveis e representativos, que se é tentado a vincular à irrupção afetiva. Mas não escapamos, então, à impressão de que esta aproximação é artificial; ela é secundária em todos os sentidos do termo. Tudo leva a pensar que o movimento que partiu do corpo sofreu um reforço de investimentos emanado da pulsão e que os afetos assim produzidos buscaram desesperadamente representações às quais tentaram ligá-lo, como para conter na psique uma tensão que tenderia a se descarregar diretamente no ato”(GREEN:1973).

Para Green, o princípio de prazer, duplamente determinado pela dicotomia prazer- desprazer, é um princípio eixo. Tal dicotomia permite concebê-lo como princípio da simbolização primária, por seu poder de divisão e de categorização da experiência afetiva e, portanto, de estruturação. A simbolização primária do princípio do prazer estende-se entre a “assimbolia do nada” (princípio do Nirvana) e a “simbolização secundária” (princípio de realidade). A unidade de prazer está entre o zero que ela é tentada a alcançar, e a ligação, denominada concatenação, que implica a redução quantitativa e qualitativa do afeto primário, em benefício do investimento da cadeia onde o afeto secundário toma seu lugar na rede das representações de coisa e de palavra (GREEN:1973).

Ao analisar o conceito de pulsão, ele aponta a inadequação dos limites semânticos tradicionais para designar o psíquico em suas relações com o somático. Declara o autor que a expressão psíquica das pulsões não deve se referir a qualquer noção que implique em uma nítida separação entre o elemento representativo e o elemento afetivo energético. Nos textos metapsicológicos o recalque constitui o inconsciente como sistema e, por conseguinte, o vínculo entre o afeto e a representação só pode ser o vínculo entre o afeto e a representação de coisa (GREEN:1973).

De acordo com o autor, há necessidade de efetuar uma distinção estrutural, separando os fantasmas originários dos posteriores ou secundários. Para ele, o “complexo representação- castração” se constrói a partir do fantasma originário, que parece então desempenhar o papel de uma matriz do inconsciente. É preciso considerar, com relação à linguagem, as relações entre processo primário e processo secundário. Na obra freudiana ¹⁷, a substituição da representação de coisa pela representação de palavra que lhe corresponde parece o resultado de um trabalho decisivo. De acordo com Green, essa ‘mutação’ seria, então, a responsável pela transformação de uma representação do objeto pela representação das relações de objeto, definidas por ele como “condições de possibilidade que permitem correlacionar sua presença ou sua ausência” (GREEN:1973). Sendo o destino do afeto conseqüentemente ligado a essa mutação (GREEN:1973).

Para o autor, a inibição dos afetos pelo ego revela-se essencial, por sua faculdade de decidir se o investimento do objeto é de natureza alucinatória, ou não. Paralelamente, é pela redução energética que se efetua o trabalho do pensamento. O objetivo da linguagem é tornar conscientes os processos de pensamento, sendo que o investimento que a acompanha transforma os pensamentos em percepções. O destino do afeto é, pois, nos processos pré-conscientes e conscientes, o de ser inibido quantitativa e qualitativamente. Tais considerações levam Green a propor algumas observações sobre a teoria lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem. Alerta o autor que não se pode confundir o papel desempenhado pela linguagem na concepção lacaniana com o que ela desempenha na teoria freudiana. Segundo ele, ainda, o que está em questão na teoria lacaniana é a relação do sujeito com o significante e a produção do efeito de sentido “pelo processo de estruturação que marca a mutação humana” (GREEN:1973).

Enfim, a linguagem em Lacan estuda a cadeia significante (concatenação). Conforme Green, a concepção lacaniana da concatenação apóia-se no conceito de inconsciente, mas leva em consideração apenas as representações da pulsão. O autor ressalta então o risco que reside em igualar as representações, ignorando a

¹⁷ Desde o *Projeto para uma Psicologia Científica*, passando pelos textos metapsicológicos e, sobretudo, a partir de *Formulações Sobre os dois Princípios de Funcionamento Mental* (GREEN:1973).

distinção entre representação de coisa e representação de palavra, como também, em tratar as representações de coisa como representações de palavra. O que, para ele, é considerar negligenciável a relação da representação de coisa com o afeto e, de um modo geral, com o seu investimento energético (a carga afetiva). Segundo Green também, Lacan justifica tal procedimento pela distinção a ser efetuada entre as representações, que seriam recalçadas, e o afeto, que sofreria apenas a repressão. Green então aponta já ter desfeito essa objeção¹⁸ (GREEN:1973).

Entretanto, o que está em questão para Green é principalmente o fato da linguagem não possuir as mesmas propriedades funcionais em suas variadas funções. Dessa forma, a atribuição, no processo de concatenação, de um valor idêntico a proposições distintas, parece ilegítima.

“Distinguiremos, portanto, a linguagem que se refere apenas a si mesma em sua ordem de estruturação própria e que supõe a redução e a homogeneização ao significante verbal, formando e sofrendo o processo linear da verbalização e o discurso no qual a concatenação recebe as impressões provenientes de significantes heterogêneos (pensamentos, representações, afetos, atos, estados do corpo próprio), de investimentos energéticos variáveis que exprimem estados de tensão qualitativa e quantitativamente diferentes e tendendo à descarga”(GREEN:1973).

O autor observa ainda que mesmo a fala “mais verbal”, “mais abstrata”, é o resultado de uma descarga porque, entre outros motivos, o pensamento dito é um pensamento que se descarrega. As diferenças de investimento dos pensamentos que invade a linguagem a ponto de desestruturá-la são, segundo Green, o retorno da matéria prima corporal para a linguagem: “É o investimento da formalização pela substância. O afeto é a carne do significante e o significante da carne”(GREEN:1973).

Green assegura que o prestígio da representação em certas orientações contemporâneas da psicanálise provém do fato de, por estar depositada na inscrição do traço mnêmico, ela remeter à atividade psíquica da memória. O autor alerta, entretanto, que o afeto, segundo Freud, possui também uma função de memória, claramente evidenciada na angústia. Sustenta o autor que não só a representação da situação de perigo é rememorada, mas também o afeto que a acompanhava, e cujo retorno é temido (GREEN:1973).

¹⁸ Ver o capítulo 2 do presente trabalho.

Com relação à escola Kleiniana, três são os pontos principais referidos pelo autor: a ênfase no valor da vivência ¹⁹ (experiência) “aquém e além das funções de linguagem” (GREEN:1973); o fantasma como a expressão quase direta do funcionamento pulsional, herdeiro do representante psíquico da pulsão freudiana; e a compreensão da necessidade de uma teorização psíquica que desloque a ênfase do inconsciente para o id. Se, ao nível do inconsciente, a dualidade representação-afeto tinha lugar, ao nível do id, só estão presentes moções pulsionais contraditórias. A estrutura organizadora fundamental é a da oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte. O id só pode ser a sede dos fenômenos de tensão e de descarga, que não são propriamente nem conscientes nem inconscientes enquanto tais. Há toda uma zona de trocas entre os “produtos” do id e o ego, mas a barreira do ego só admite neste, fragmentos do id “domesticados”. Essas moções pulsionais comportam em si conteúdos, representações distintas enquanto tais. A hipótese do autor é a de que o material que constitui esses fragmentos do id torna impossível aí a divisão em afeto e representação (GREEN:1973).

O par tensão- descarga está, entretanto, sob a dominação do princípio do prazer, sendo impossível suprimir o aspecto qualitativo dessas produções do id. O elemento representativo assumirá uma significação diferente, conforme as camadas em que se encontra – mais profundas e inacessíveis, ou mais próximas do ego. Ao nível do id, o afeto, indistinto da representação, é irrepresentável. Para Green, a angústia automática, resultado de uma descarga *in situ* ao nível do id que penetra por efracção no ego, é de fato um “afeto- representação”, em que não é concebível nenhuma representação distinta. “Tais afetos são a- representativos. Têm uma significação essencialmente econômico- traumática. Através deles exprime-se a ameaça que pesa sobre a organização do ego”(GREEN:1973).

Ao abordar o estudo das relações entre o afeto e o superego, Green ressaltando que a neutralização não é o único destino do afeto, aponta o masoquismo como sendo o mais freqüente. O sentimento de culpa inconsciente e o gozo inconsciente aparecem nas estruturas clínicas com clareza ²⁰, o que o leva

¹⁹ E, segundo o autor, quase toda a escola inglesa de psicanálise também.

²⁰ Assegura o autor que no superego do obsessivo, no do melancólico e no do paranóico, sem contar no masoquismo moral, não parece possível eliminar o afeto inconsciente.

a postular também ²¹ a existência de afetos inconscientes ao nível do superego. É a partir das relações entre o afeto e o ego que Green apresentará o seu conceito de *alucinação negativa*. O autor não colocará em consideração todos os afetos que o ego pode sentir, limitando aos que são específicos do ego, e que estão referidos à sua organização narcísica.

A estrutura específica do ego está relacionada com sua situação tópica: na encruzilhada da realidade externa e da realidade interna, dilacerando-o em duas partes inconciliáveis: o ego- prazer e o ego- realidade. Atenta o autor que isso não deve levar à conclusão de que a relação do afeto com o ego é delimitada pela sua localização no ego- prazer. Pelo contrário, sua relação com a realidade externa está repleta de afeto, e isto não somente porque a realidade é constantemente investida de afetos projetados, mas também porque o sentimento de familiaridade do real requer que o real seja tratado afetivamente de modo positivo (GREEN:1973).

Para Green, a clivagem, considerada por Freud como um avatar do ego, revela-se de fato como participante de sua estrutura. Com efeito, o ego é clivado devido à sua dupla orientação externa e interna e dividido entre identificações contraditórias. “A imagem que forma de si mesmo nunca pode assim coincidir com ela mesma, devido à alteridade que a habita” (GREEN:1973). A alienação do ego é inevitável, na medida em que se superpõem e se emaranham os estados do ego como vivências primordiais e os estados do ego como resultados das operações defensivas. “A resultante é este estado do ego na representação que ele adquire de si mesmo, constituição do narcisismo secundário, e o afeto que conota esta representação após o luto do objeto” (GREEN:1973). Dessa forma, encontramos de um lado, uma distinção entre representação e afeto, e do outro, um misto indissociável suscetível de se separar em seus elementos constitutivos. Por esta separação, os efeitos de afetos serão ligados não mais apenas a estados internos, mas também a situações (GREEN:1973).

Declarando ter insistido, em vários momentos, sobre a importância do sistema perceptivo representativo no que concerne ao objeto, ele evoca a percepção e a representação do sujeito, anunciando que, se o estado do espelho

²¹ O autor já havia, como vimos anteriormente, postulado a existência de afetos inconscientes ao nível do id.

lacaniano marca a assunção jubilosa da criança como o afeto que o acompanha, tal vicissitude não é a única possível.

“A clínica nos ensina que a experiência do espelho está sujeita a outras vicissitudes. Queremos falar desta falta da representação de si, tal como nos é mostrada pela alucinação negativa do sujeito. Ali, onde a imagem do sujeito deveria aparecer, nada se mostra. Só é visível o enquadramento do espelho sobre o qual não se inscreve nenhum traço. É vivida então pelo sujeito a ausência de si, o vazio acusado por não ter cabimento uma imagem que atenta contra o narcisismo secundário. O que falta ao sujeito não é o sentimento de sua existência, mas a prova especular desta última. Esta ausência da representação do sujeito é acompanhada por um aumento de afeto de angústia, comparável à angústia da perda do objeto”(GREEN:1973).

Há uma dissociação entre representação e afeto, pelo desaparecimento do poder de perceber a representação. O sujeito é remetido unicamente à sua presença corporal como vivência, o que se traduz num excesso de presença. O afeto de angústia traduz o esforço do ego por chegar a qualquer preço a uma representação de si, e é essa impossibilidade de se reencontrar que é responsável pela angústia. É porque a imagem é recoberta por uma alucinação de falta que o sujeito busca, mais além dessa alucinação, o reencontro de sua representação (GREEN:1973).

Por fim, o autor nos apresenta o seu modelo teórico hipotético, nele estabelecendo o lugar do afeto. Tal modelo é denominado pelo autor de *processo*. Segundo Green, ele parte do *esquema L* lacaniano, conservando sua estrutura geral e fornecendo suas conotações econômicas e dinâmicas. Neste esquema, os termos são unidos por um circuito. A “conjuntura” é definida como um conjunto pré-articulado, através do qual “a estrutura se manifesta, sem que esta a possa marcar” (GREEN:1973). O “acontecimento” é “aquilo que ressalta da conjuntura, onde o traço se desprende dela” (GREEN:1973). O “objeto” é “o efeito do encontro com o acontecimento saído da conjuntura e da estrutura” (GREEN:1973). E, a “estrutura”, é a estrutura edipiana. O afeto se situa num ponto que para o autor constitui o pivô do sistema. Localizado no encontro resultante dos efeitos das tensões provenientes do objeto e do acontecimento. Ele é, ao mesmo tempo também, zona de interpenetração e ponto de retrocesso. Na constituição do afeto, o suporte do fantasma é o elemento necessário, localizado

no acontecimento. Do lado do objeto, o que se coloca perante àquele é a representação psíquica da pulsão (GREEN:1973).

“O ponto em que os vetores acumulam seus efeitos é o afeto, como força (quantum) e como experiência subjetiva” (GREEN:1973). Como força, ele possui o papel de fator conjuntivo- disjuntivo, uma função de “pontuação do significante”²², sustentando o encadeamento dos representantes- representação, relançando suas associações e alimentando a energia necessária às operações do aparelho psíquico, posto que a energia reside também entre os investimentos. Quando, sob o efeito dessas tensões, ele se descobre em sua manifestação, ele irá “recobrir, abolir, fazer as vezes de representação. Seu efeito mais surpreendente é a *alucinação negativa*” (GREEN:1973).

Para finalizarmos esse capítulo, gostaríamos de tentar resumir o posicionamento de Vieira diante do trabalho apresentado por Green. O interesse de Vieira no exame das considerações desse autor é duplo: não somente porque ele constitui o representante atual da segunda corrente – denominada pelo autor de *código afetivo*, em oposição ao *continuum afetivo* da primeira corrente, mas pelo diálogo travado pelo autor com Lacan. Não nos cabe, como já apresentamos em nossa introdução, apresentar tal embate. Como também não fazemos do objetivo de Vieira o nosso, ou seja, interrogar o estatuto do modelo cartesiano em suas diversas apreensões pela psicanálise. E o afeto interessa a Vieira justamente por ser um conceito capaz de interrogar o estatuto deste modelo cartesiano ²³. Portanto, a nossa utilização da análise de Vieira como um dos fios condutores durante todo esse capítulo, deve ser lida como tendo sido contemplada parcialmente, e sujeita a desvios.

Em linhas gerais, para Vieira, Green vai no sentido de reduzir o significante a um código dentre os outros, os quais devem se ordenar em um

²² Expressão citada por Green em referência à MILLER, J., *Cahiers pour l'Analyse*, 5.

²³ O afeto interessa ao autor não por traçar uma articulação entre soma e psiquê, mas por interrogar o estatuto deste modelo cartesiano e, portanto, “o limite impensável do saber em sua ancoragem no corpo” (VIEIRA:1996). A partir de uma narrativa sobre o trauma, propiciada pelo tratamento, é possível uma nova articulação entre o que se pode falar deste trauma e a relação entre este e o corpo, através do sintoma. Essa articulação, entretanto, não é feita a partir de um sujeito fundado sobre uma anatomia dualista, que determinaria a exterioridade do trauma à sua fala. Dessa forma, é somente a partir de um novo modelo de relações corpo-alma que as dificuldades enfrentadas pelos pós-freudianos poderão ser eliminadas. Para isso, o autor procede a uma delimitação mais rigorosa do que ele denominou enquadre cartesiano, mas que não nos interessa aqui.

grande conjunto de códigos, e aos quais Green denomina “discurso”. Esse grupo é ordenado filogeneticamente, possuindo o afeto o lugar de honra por representar uma das linguagens mais arcaicas. Para Vieira também, o autor, ao propor a sua heterogeneidade do material inconsciente, termina por não reconhecer o inconsciente como um lugar de inscrições de onde se originam as representações. O inconsciente é, nesta perspectiva, um lugar de linguagens diversas, do qual uma delas é a linguagem energética mas, sobretudo, ele é o lugar de uma linguagem pré-verbal, é a linguagem dos fantasmas, a qual se articula à pulsão. Vieira declara que, se na primeira corrente, sua crítica se refere a uma teoria do desenvolvimento da personalidade, esta segunda corrente parece situar as chaves dos processos inconscientes nas respostas de um ego originário ao mundo (VIEIRA:1996).

De acordo com Vieira, ainda, fazer do afeto uma linguagem entre as diversas linguagens do inconsciente equivale também à dissolver a linguagem na indeterminação das linguagens, o que parece reduzir a importância da linguagem, sobretudo em se tratando de um grupo onde os elementos se inscrevem numa escala evolutiva (VIEIRA:1996).

Finalmente, Vieira denomina de “leitura clássica” a que expressa o enquadre cartesiano. E, segundo ele, nenhuma das duas correntes escapam à sua subordinação, deixando intocada a clivagem que as fundamentam. Por essa razão, ambas encontram impasses semelhantes.

“Parte-se do paradigma psicofisiológico, da noção de uma energia natural, que pode ser represada ou não e que se opõe à representação, reino das idéias e da qualidade. Elas se articulam a partir do trauma e do recalque, como uma aglomeração a ser purgada na ab-reação. O afeto aparece como ponto cego desta leitura, ficando entre um e outro reino, ora com tonalidade subjetiva da descarga, ora como energia represada, ora como o elo perdido entre os dois” (VIEIRA:2001).

As contribuições e os impasses apresentados neste capítulo estão longe de alcançar um resultado satisfatório; pelo contrário, tornam visível que a problemática do afeto é entremeada de questões que dão margem a hesitações e ambigüidades, difíceis de explicar ou resolver. Dessa forma, várias são as propostas e numerosas são as soluções. Todas elas, diretamente ou não, remetem à relação do afeto com a representação. Relação esta que se encontra associada às

relações entre o afeto e o inconsciente e às relações entre a quantidade e a qualidade.

Para Souza, as formulações econômicas da pulsão e as dificuldades trazidas pelos conceitos de representação e de processo associativo ordenador do conjunto das representações em Freud, tornam no mínimo obscuro o papel exercido pelo outro na constituição do sujeito. O autor segue afirmando que o texto freudiano contém a subversão radical do sujeito, mas não apenas isso. Portanto, não há como menosprezar a importância dos obstáculos a essa subversão, presentes em muitas de suas formulações. E, segundo ele, em todas as orientações psicanalíticas pós-freudianas, inclusive na psicologia do ego – ainda que de modo mais restrito, encontramos tentativas diversas de resolver os impasses metapsicológicos, especialmente os que se referem à teoria das pulsões. Em alguns discípulos de Freud da primeira geração, e na maioria dos da segunda, os obstáculos procuraram ser superados, de maneira mais ou menos consciente, com os meios de que dispunham (SOUZA:2001). Ressalta o autor:

“A perspectiva que tenho em vista, para que se possa acompanhar a minha argumentação, não é a do leitor aguçado por muitos anos de distância em relação ao texto freudiano, mas sim a daquele que lia Freud à medida que ele escrevia (...) O leitor, enfim, não apenas de Freud, mas de toda a produção dos psicanalistas da época, e que precisava orientar-se em meio a tudo isso. Acredito que é apenas desse ponto de vista que se pode compreender a produção da posteridade freudiana não como teoria obsoleta, mas como fonte de aprendizado para a prática clínica” (SOUZA:2001).

Todavia, é no exame dos lugares do afeto, formulados em diferenciadas interpretações e reconsiderações a partir da segunda teoria da angústia, que acreditamos encontrar mais claramente os contrapontos onde se situa a problemática. Assim, estudaremos no próximo capítulo algumas particularidades do conceito de angústia em sua implicação com a concepção de afeto.

